

Intoxicação com remédio contra meningite ataca 17 crianças

Cristine Gentil
Da equipe do Correio

O Jardim Boa Vista é um pequeno loteamento do município goiano do Novo Gama, conhecido como um local sem grandes agitações. Mas na tarde da última quinta-feira o lugar viveu um de seus dias mais movimentados. Foi de lá que partiram as 17 crianças, com idades entre um e 15 anos, que abarrotaram de uma só vez a emergência do Hospital Regional do Gama por volta 17h30.

Elas chegaram em duas ambulâncias com sintomas de uma intoxicação grave. Apresentavam vômitos, sudorese, edema labial, coceira na pele, irritação nos olhos e apatia. Efeitos provocados pela superdosagem de um medicamento quimioterápico chamado comercialmente de *Rifaldin*, composto pela droga *Rifampicina*, usada na prevenção da Meningite. O remédio foi aplicado por agentes de saúde da Vigilância Epidemiológica do Novo Gama, que erraram na cálculo da dosagem.

Quatro crianças, as mais velhas, não tiveram fortes reações e logo foram liberadas. As outras 13 foram submetidas a uma lavagem gástrica, estão medicadas e passam bem, graças ao atendimento imediato da equipe médica que os socorreu. Apenas duas continuavam em observação no Hospital do Gama até o final da tarde de ontem.

Não se sabe ao certo qual a dose de medicamento que cada criança ingeriu. Mas, segundo o chefe da Pediatria do Hospital do Gama, Ari Sílvio Fernandes dos Santos — que atendeu as crianças — em alguns casos a dose aplicada foi até seis vezes maior do que a ideal. “Foi um susto. Dava pra ver que ainda tinha muito medicamento no estômago delas. Se demorasse mais, a situação podia ser bem mais grave”, diz.

O próprio médico, depois de ouvir o depoimento das mães e verificar o vidro do remédio, chegou à conclusão do que aconteceu. “As crianças tomaram o medicamento em gotas, que é a forma mais concentrada do remédio, com a dosagem de suspensão. Ou seja, uma dose muito maior”, explicou o pediatra. Segundo ele, as consequências da superdosagem só não foram mais drásticas porque a maioria das crianças teve reação quase imediata ao medicamento.

O que se transformou em um grande susto era para ser um procedimento de rotina. A equipe da Vigilância Epidemiológica do Novo Gama seguia as orientações básicas para evitar que um caso de Meningite Meningocócica vira-se uma epidemia. Na sexta-feira da semana passada, Gabriel Rodrigues Bandeira, de 2 anos, foi internado no Hospital do Gama com meningite meningocócica, o tipo contagioso. O hospital comunicou à Secretaria de Saúde do Novo Gama, que deveria fazer a chamada profilaxia — prevenção com remédios — nos parentes e outras pessoas que tiveram contato mais próximo.

Cerca de 40 pessoas da quadra 9 do Jardim Boa Vista, onde mora Gabriel, foram selecionadas para receber a medicação. Adultos tomaram comprimidos e não tiveram reação. Mas com as crianças o caso foi diferente. “Depois de uns 15 minutos, meus filhos começaram a passar muito mal. E as outras crianças da rua também. Foi uma irresponsabilidade muito grande”, revolta-se Alessandra Rodrigues da Silva, mãe de Gabriel, que se recupera da meningite, e de outras duas crianças que foram intoxidadas.

O assessor técnico da Secretaria Municipal de Saúde do Novo Gama, Felipe Alves Cesário, admite o erro. “Normalmente recebemos esse medicamento da Ceme (Central de Medicamentos) em suspensão. Como não tínhamos em estoque, compramos com recursos próprios, mas adquirimos em gotas. Na hora dos cálculos, as técnicas de enfermagem fizeram o cálculo errado, provocando esse incidente desagradável”, reconhece. Segundo Felipe, as técnicas de enfermagem Maristela dos Santos e Josenilda Aires, que medicaram elas próprias as crianças, foram advertidas verbalmente, mas não sofreram maiores punições. Além de designar um médico para acompanhar as crianças, os profissionais de Saúde do Gama vão passar por uma reciclagem.